

Quem é esta judia? O feminino no judaísmo contemporâneo

Mirella de Almeida Braga
Mestre em Ciências das Religiões
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
profabragad@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é o de propor discussões acerca da articulação entre gênero e religião, buscando analisar a organização dos sistemas simbólico-religiosos dos judeus na comunidade judaica Magen David, situada no Bairro do Catolé, Campina Grande/PB. As religiões se mostram como um importante referencial moral para a vida, instituindo sentidos às subjetividades masculinas e femininas. O presente estudo oferece contribuições analíticas que, através de elementos práticos, possam se diferenciar em relação a determinados debates travados no âmbito dos chamados estudos feministas, propondo outros olhares sobre as relações de poder tipicamente caracterizadas nas abordagens das interfaces entre gênero e religião.

Palavras-chave: Comunidades Judaicas; Identidades; Gênero; Religião.

Abstract: The aim of this article is to propose discussions on the link between gender and religion, trying to analyze the organization of symbolic - religious systems of the Jews in the Magen David Jewish community in Catolé, Campina Grande/PB. Religions appear as an important moral framework for life, establishing a way for male and female subjectivities. This study provides analytical contributions, which can through practical elements differentiates itself from certain discussions in the context of so-called women's studies and proposes other views on power relations typically characterized in the approaches concerning interfaces between gender and religion.

Keywords: Jewish Communities; Identities; Gender; Religion.

Abordar a temática da tradição religiosa judaica no Brasil é trazer à tona a herança cultural das histórias multifacetadas de um povo e é, também, no tempo presente, buscar o ideal de vida judaica contemporânea e seus fortes efeitos práticos na forma como mulheres e homens se portam e atribuem sentido às atividades da vida cotidiana, seja no ambiente doméstico ou na sinagoga. O presente trabalho busca desestabilizar a ideia de que a *dominação masculina*, especialmente, a imposição de uma visão mais doméstica das mulheres necessariamente ocorre em contextos culturais constituídos pelo universo simbólico de tradições religiosas, sobretudo quando essas tradições são classificadas como “ocidentais”. De acordo com Sandra Souza, “a religião é uma das responsáveis pela produção e reprodução dessa hierarquia dos sexos, sacralizando papéis socioculturalmente construídos” (2009: 53). Na comunidade Magen David percebi que não cabe falar com tranquilidade em dominação masculina no sentido bourdieusiano, dado haver em um grupo heterogêneo, com mulheres participando, decidindo e “fazendo com prazer” os serviços religiosos. Percebe-se no judaísmo tradicional o fato de as mulheres terem ocupado posições inferiores às dos homens, como locais secundários no culto e papéis públicos limitados, recebendo apenas uma educação mínima, a ponto de se crer, no limite, que era melhor queimar as sagradas palavras da Torá do que transmiti-las e ensiná-las às mulheres.

É relevante lembrar que a proibição da prática do judaísmo no mundo português e a nova importância dada à educação no lar, contudo, levariam a uma transformação destes papéis, transformando o judaísmo numa espécie de “religião domiciliar”, fruto da impossibilidade de sua divulgação pública, com nova ênfase na divulgação oral dos ensinamentos, devido às dificuldades e perigos implicados na posse de textos hebraicos. Funções que antes eram exclusivas dos homens passariam à responsabilidade das mulheres – sinal da ocorrência, no seio da religião mosaica, de certo afrouxamento dos rigorismos como meio de garantir a sobrevivência em ambiente hostil.

Na sociedade brasileira atual, evidências empíricas mostram que seres humanos masculinos e femininos não ocupam o mesmo lugar na sociedade. Os indivíduos são definidos em termos de lugar/imagem – com sua respectiva distribuição de poder. Em diversas instâncias da sociedade, no mundo do trabalho, na organização da vida doméstica, nos rituais cotidianos, no âmbito sagrado e profano, pessoas classificadas como *homens* e *mulheres* “ganham”, assumem, diferentes arquétipos, experiências e sentido de vida. Entretanto em alguns determinados contextos históricos e culturais, especificamente situados no tempo e no espaço, constituem “zonas de respiro” onde

hierarquias e papéis genéricos de gênero perdem sua solidez. A dinâmica de vivência religiosa da comunidade Magen David me parece traduzir como pode se processar a configuração contemporânea dessas “zonas de respiro” que desestabilizam as dicotomias e antinomias feminino versus masculino.

A minha experiência como etnógrafa tem sido intensa desde setembro de 2013, compartilhando boas experiências junto à comunidade judaica Magen David em Campina Grande, em constante diálogo com pessoas dispostas a contribuir com a presente aventura antropológica proposta. A comunidade referenciada no artigo possui cerca de 30 membros, entre homens e mulheres, a maioria pertencente ao que podemos denominar de 'classe média campinense'. A figura do líder na Magen David é centrada na pessoa do Alessandro Magno, advogado criminalista bem conceituado de Campina Grande, grande conhecedor da língua hebraica e de seus costumes e usos.

Na Magen David, crianças participam das reuniões, e percebemos uma unidade familiar maior. Devo aos colaboradores da Magen David não apenas um rico conjunto de informações que me disponibilizam, mas também a oportunidade de experienciar a diferença, permitindo-me lidar com uma nova vivência cultural e religiosa. Os diálogos constantes e o convívio com estas pessoas cumpriram um importante papel na atual pesquisa, pois me inseriram no rico contexto da experiência judaica, ensinando-me, assim, a complexidade e a diversidade desse sistema filosófico.

Eu bem poderia tratar dos poderes femininos e masculinos, situando-os nas relações estabelecidas e saberes teóricos dos estudos de gênero aplicados às religiosidades judaicas. Aparentemente, as relações sociais de poder/ gênero no judaísmo muitas vezes são construídas por meio de uma visão dócil e doméstica das mulheres, mas essa visão que pode ser definida através dos escritos das leis hebraicas, onde as mulheres são orientadas a compor o universo doméstico deixando para os homens a composição dos serviços e liderança político-religiosas nas sinagogas, não é plenamente vivida na comunidade Magen David. Aqui, muitas mulheres que frequentam a comunidade comungam da ideia de que “a mulher deve sim edificar o lar, sendo a mão mestra, a guardiã da memória, a difusora do judaísmo e de suas sementes, mas deve também [ou sobretudo] participar ativamente das atividades que compõem o cotidiano da sinagoga, mostrando a força feminina no agrupamento dos membros e de seus serviços religiosos”. Ao vivenciar um pouco da experiência comunitária observei a existência de uma forte liderança carismática feminina dentro da comunidade, seja nos

momentos do Shabat, seja em relações externas ao universo da sinagoga.

De um modo geral, em conformidade com os mandamentos (*mizvots*¹), podemos dizer que as mulheres para o judaísmo constituem a fonte primordial da educação doméstica e difusão dos costumes judaicos. Esta assertiva, vista de modo abstrato pode (e até deve) ser interpretada como um escamoteamento de uma concreta dominação masculina presente nas relações de poder do judaísmo. Entretanto, o fenômeno da recente adesão religiosa à fé judaica das mulheres judias e homens judeus em Campina Grande produz subjetividades femininas e masculinas judaicas específicas no processo de ressignificação das matrizes normativas hebraicas e nos usos cotidianos das mesmas.

Pensar o “papel social” ocupado pela mulher judia no ambiente interno e externo ao seu lar remete ao aprendizado e reflexão que não são identificáveis nos limites racionais idealizados, pois são realizados e resultam de um movimento para dentro, compreendido só a partir da experiência, da vivência. Assim será permitido alcançar a integralidade do vivido.

Scott (1994) define gênero como um *saber*, no sentido foucaultiano, como produto de jogos discursivos de significados, a despeito das diferenças sexuais, e nos propõe que em vez de aceitarmos a oposição binária – masculino e feminino – como real ou algo evidente na natureza das coisas, poderíamos pensar na forma como ela operaria, revertendo e deslocando sua construção hierárquica. Gênero deveria então ser um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado ao longo do tempo.

Segundo Scott,

Por “gênero”, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos (Scott, 1998: 15).

Como não existe um “judaísmo” homogêneo e unificador de padrões culturais, este artigo oferece uma contribuição para a interpretação de determinados modos de

“ser judia”, ou, especialmente, de “se tornar judia” em Campina Grande/PB.

O entrelaçamento de trajetórias individuais, familiares e sociais mostraram-se boas estratégias metodológicas para se pensar a construção de identidades religiosas, fronteiras étnicas, e conflitos de fé, bem como apontaram para o fato de que o etnógrafo, ao interagir com sujeitos atuantes em sistemas culturais diferentes do seu, experimenta o desencadeamento de complexos processos subjetivos na sua própria pessoa.

Desta maneira, é no entrelaçar das trajetórias e na relação de participação/observação do etnógrafo que surge a tentativa de compreensão dos universos culturais diversos que se tocam diante da experiência humana de comunicação.

Pierre Bourdieu (2002), ao analisar a dominação masculina, identifica na experiência masculina e feminina o que chama de relações de dominação simbólica. Para alguém ser considerado homem, é importante que apresente símbolos dessa virilidade. Esses símbolos devem ser auto-evidentes, pois “ser homem, no sentido de vir, implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sob a forma do 'é evidente por si mesma', sem discussão”. Na comunidade evidenciada em nossa pesquisa é costumeiro observar a composição de uma visão feminina que vai além do papel de que, a mulher judia, “edifica o lar, é a sábia na educação dos filhos, e a guardiã da memória judaica”. São elas, as mulheres, participantes diretas nos rituais da sinagoga e na preparação do ambiente. Na Magen David homens e mulheres participam ativamente da construção do “tornar-se judeu”, do pertencer ao mundo judaico de maneira oficial.

Segundo Bourdieu (2002), a força da dominação masculina reside sobre dois pilares: “ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada”. A dominação não é apenas uma questão performática, uma questão de desempenho de papéis sociais prescritos pela sociedade. Ela está inscrita nos corpos, a partir de regras de seu uso legítimo, na lei hebraica e nos dispositivos usados pelo judaísmo. A inscrição do modelo “claro” de divisão biológica entre homens e mulheres está o tempo todo ordenando os espaços físicos e simbólicos da vida de judeus e judias da comunidade Magen David. Entretanto, esse modelo sexista não é estanque quando o assunto é a formação e o fortalecimento da identidade judaica em busca do reconhecimento “oficial” do judaísmo por poderes estabelecidos dos controles identitários judaicos,

nacionais e internacionais. Se os esposos das judias da Magen David não estão devidamente estimulados a viverem uma experiência ativa do judaísmo, elas não se importam, “o importante é o que o coração delas pede e diz”.

Ao mesmo tempo, observo na comunidade Magen David a construção de discursos que reafirmam nos tempos modernos a divisão social dos papéis ocupados por homens e mulheres seguindo a afirmação do sexo. Também pude observar discursos femininos presentes na comunidade abordando uma visão muito além do comportamento, encarando também uma questão de intelecto que envolve sentimentos de como se deve enfrentar a vida dentro e fora dos símbolos religiosos.

Os corpos carregam em si marcas diacríticas, construídas com o recurso a ações públicas e privadas, verdadeiros atos de instituição. Roupas, gestos, ritos de instituição são meios tácitos de se tornar um homem masculino e uma mulher feminina e dividir os papéis sociais que cada um deve ocupar dentro e fora da sinagoga, mas as mulheres judias da Magen David não se limitam a ouvir a opinião dos homens.

Feminino e Masculino

O espaço da sinagoga Magen David é simples, ou seja, não há preocupação com a “estética do belo”, porém sente-se que o mesmo é um lugar especial, um lugar de encontro. A comunidade judaica tem sede em frente ao Bar da Curva, em uma casa comum, de classe média. A casa serve de apoio aos encontros dos membros, onde funciona a sinagoga. É uma casa alugada, de propriedade de um frequentador da comunidade, o senhor Inézio², homem de aproximadamente cinquenta anos, apaixonado por política, principalmente a política campinense. A sinagoga é um local que comporta cerca de quarenta pessoas. De um lado estão as cadeiras de plástico reservadas às mulheres e de outro lado as cadeiras reservadas aos homens. A sala contém poucos ornamentos, não há excessos, e são evitadas imagens e qualquer tipo de esculturas, mas nota-se a presença da Torá, colocada no canto central da sala. De frente para as cadeiras do lado masculino, ao fundo, há uma mesa com uma toalha branca onde fica o castiçal e o Sidur, livros de orações usados nas sinagogas oficiais. Na comunidade Magen David existe a distribuição de livros do Sidur para os membros, os mesmos sendo expostos numa mesa retangular que fica na entrada da sinagoga. Usa-se uma réplica da Torá, que fica coberta por tecidos ornamentados, sendo o objeto sagrado que recebe atenção especial. Sua retirada e recondução à Arca requerem todo um rito produzido e conduzido pelo líder da comunidade, e acompanhado pelos demais membros com

louvores.

Nos ritos judaicos percebo que cabe à mulher as obrigações rituais; bem como aquelas realizadas no espaço doméstico, como o acendimento das velas no início do Shabat, o período ritual que se estende do final da tarde de sexta-feira até o final da tarde do sábado, a preparação dos alimentos segundo prescrições rituais; a observância da pureza ritual que determina a separação dos casais no período menstrual e pós-parto da mulher, o que inscreve o espaço feminino nos limites da esfera privada. As mulheres participam das atividades religiosas sinagogais e, quando vão à sinagoga, se acomodam em um lugar separado dos homens para não lhes tirar a concentração neste importante momento de contato com o sagrado. Até na entonação dos cânticos as mulheres devem acompanhar em voz baixa, deixando para a figura masculina todo o papel de pronunciar e exaltar as palavras. Aos homens é delegada a leitura da Torá, a exaltação dos cânticos e todas as preces presentes na Sinagoga.

Se existe uma dominação simbólica no sentido bourdiesiano no judaísmo da comunidade Magen David, esta não deve ser compreendida como uma dominação hierárquica de pessoas classificadas como homens sobre pessoas classificadas como mulheres. Na comunidade há uma dominação vice-versa de duplos caminhos de poderes não necessariamente simétricos em todos os momentos de concretização da identidade judaica. Assim, se a judia não pode ministrar diretamente as celebrações, ocupando as funções rabínicas, ela orienta e fiscaliza o cumprimento correto dessas funções pelos homens. Além disso, as mulheres costumam deixar os homens em casa na noite de sexta para organizar o Shabat. Alessandro Magno, homem, o líder que ministra corriqueiramente o Shabat, não consegue “trazer” as mulheres de sua vida doméstica para a prática do judaísmo. Por outro lado, Ana Elya, mulher, tem tido sucesso ao controlar os homens de sua vida doméstica. Leda, mulher, é acompanhada na sinagoga pelo filho Bruno e pela filha Kedma. Na ausência do líder Alessandro Magno, o jovem Bruno executa os serviços religiosos sob os olhares orgulhosos de sua mãe.

O ritual de celebração do Shabat é rigoroso quanto ao horário, iniciando às 18h30, no nascer da primeira estrela, segundo os judeus, nas noites de sexta-feira. Como dito anteriormente, homens e mulheres permanecem separados. Os homens usam o kipá³, alguns também utilizam o talit,⁴ as mulheres usam vestidos longos ou saias longas, e cobrem todo o cabelo com um lenço.

Na sinagoga Magen David as mulheres seguem uma tabela estabelecida e afixada em um quadro de informes para manutenção e organização do espaço. Essa tabela é produzida pelas próprias mulheres. Além do estabelecimento dos nomes para a produção da challah no Shabat, há o acendimento das velas na sinagoga, dentre outras tarefas distribuídas semanalmente. A divisão de tarefas femininas é feita por Ana Elya, sendo ela quem distribui as mulheres responsáveis pela challah e delega responsabilidade às mais jovens para o acendimento das velas para o Shabat, além da ajuda na limpeza da sinagoga.

As mulheres da comunidade Magen David, em número aproximado de dez, estão distribuídas entre jovens (até 30 anos e não casadas) e senhoras (mais de 30 anos e casadas). As senhoras, cinco ao total, são donas de casa. As mais jovens estudam e trabalham no comércio campinense. A presença das mesmas na comunidade nos rituais é marcada não apenas pela organização da sinagoga, como também pelo comportamento estabelecido no Shabat e em outros serviços, a exemplo dos cânticos e orações propostos na noite do ritual. Para concentração máxima dos homens, as mulheres entoam os cânticos em voz mais baixa, pois a voz feminina é considerada poderosa e pode profanar o rito sagrado.

Segundo as leis hebraicas, para a mulher judia são delegados alguns preceitos: 1. a educação dos filhos; 2. o acendimento das velas; 3. a separação dos alimentos incluindo a preparação dos pães para a challah⁵; 4. a promoção da união na comunidade; dentre outros. Para as mulheres da comunidade Magen David a judia deve exercer a função de “reprodutora cultural”, pois ela é a responsável pela transmissão oral das “histórias familiares” e pela “vigilância alimentar”. Ana Elya afirma:

A mulher é a coluna do judaísmo, então, a criação dos filhos, tudo! Existem os três preceitos da mulher no judaísmo, o acendimento das velas, o Shabat, a pureza do lar, tudo o que acontece a gente separa os utensílios de leite, de gado, tudo e a separação da Challah. Então tem que fazer.

O discurso colocado aqui por Ana não se restringe ou se refere à fala, mas à ideologia carregada nela, sendo a linguagem uma ferramenta para exteriorizar o pensamento, a ideologia da interlocutora. Destacamos aqui a importância de se investir na desmistificação dos símbolos e da ideologia machista e patriarcal que reproduzem como natural as relações de gênero desiguais e a dominação masculina, no que analisamos enquanto “simbologia para o judaísmo”.

Fazemos uso da análise produzida por Kochmann para pensar os papéis desenvolvidos pelas mulheres atualmente nas comunidades judaicas, o pensamento contemporâneo ao falar do agenciamento político da mulher no judaísmo. A autora nos diz,

Seguindo a lógica de que a mulher judia pode assumir obrigações religiosas mesmo onde estaria isenta, e que - assim como acontece em todos os campos da sociedade atual - almeja participação igualitária nos campos rituais e religiosos, muitas mulheres judias reclamaram o direito de estudar nos mais altos níveis acadêmicos religiosos a fim de se formar como rabinas e desempenhar as ações de líderes religiosas e comunitárias. (Kochmann, 2005: 7).

Geertz (1989), em sua análise sobre a religião como sistema simbólico, sugere que a religião, a exemplo de outros sistemas, tem a capacidade de servir, para um indivíduo ou grupo, como fonte de concepções do mundo, de si próprio e de suas relações, construindo disposições e motivações, um modo de ver e agir no mundo. Fornece um modelo para a atitude, definindo uma imagem plausível para a ordem cósmica, um conjunto de concepções metafísicas e físicas da existência.

Dessa forma, o ideal de vida judaica, construído por cada judeu e judia em suas relações comunitárias e “externas”, funciona como um devir que caracteriza certos percursos cotidianos para se tornar um “bom judeu”. Nesse sentido, vale salientar que a mulher é “liberada” da obrigação de cumprir alguns preceitos, e são determinadas as prioridades a que ela deve dedicar seu tempo. Essas regras não são estabelecidas exclusivamente por homens, nem são uma transcrição bruta das leis hebraicas. Se teoricamente as mulheres judias estão liberadas de comparecer à sinagoga, na prática, na comunidade Magen David, muitos homens já “convertidos de coração” ao judaísmo ficam em casa em outros afazeres e suas mulheres vão à sinagoga “cumprir suas obrigações”, a exemplo de Leda. É preciso lembrar que no judaísmo muitos preceitos são cumpridos no ambiente doméstico, a exemplo do Shabat, período que corresponde ao pôr-do-sol da sexta feira ao pôr-do-sol do sábado, dia de descanso que representa o sétimo dia do Gênesis, após o sexto dia de criação. O Shabat é marcado por três refeições festivas e uma série de restrições, somando trinta e nove (39) atividades proibidas, e as refeições especiais são feitas em família. Daí a figura feminina tem um grau de importância elevado. A mulher é a grande responsável pela “boa formação” do lar.

Ana Elya é uma senhora de aproximadamente 45 anos, nascida no Rio Grande do Norte, dona de casa, e mãe de dois filhos: Júnior, de 19 anos, que atualmente serve ao quartel no Recife, e Davi, de onze anos. “Uma criança que já nasceu na fé judaica”, ela

afirma. Antes de conhecer o judaísmo, Ana professava a fé protestante, era frequentadora da igreja Assembleia de Deus em Maceió, Alagoas, onde morava com seu esposo Jessé e o filho mais velho. Ana tem sua origem religiosa em uma família de pai católico, “mas não praticante”, e mãe assembleiana convicta. Casou com Jessé quando o mesmo servia ao exército em Natal, Rio Grande do Norte. Anos depois, Jessé foi transferido e foram morar em Alagoas onde eram frequentadores da Assembleia de Deus. Jessé, esposo da Ana Elya, um senhor de aparência calma e bastante comunicativo, é tenente do exército, onde trabalha há 34 anos. Já viajou muito pelo país e morou em muitos lugares. De forma bastante animada, diz que o melhor lugar que morou foi em Fortaleza na década de 1980, onde trabalhou distribuindo alimentos e água às populações carentes, “afinal, era o período de seca no Nordeste brasileiro”. Jessé, assim como Ana, professava na infância, adolescência e fase adulta a fé evangélica. Jessé é filho de mãe e pai assembleianos. Veio conhecer o judaísmo através do irmão e por insistência da esposa Ana Elya. Um dia, ainda quando morava em Maceió, Jessé questionou o pastor da igreja acerca do messias cristão ser Jesus: “por que Jesus era o salvador já que existia o judaísmo e ele não cria naquele homem como salvador e era algo das escrituras?”. O pastor desconversou, não respondeu ao questionamento e apenas falou a Jessé: “desde que o mundo é mundo é assim. Me ensinaram assim, não posso dizer o contrário para a igreja”. Deste dia em diante, Jessé decidiu buscar o judaísmo como fé. “Convicto da enganação que vivia”, Jessé decidiu estudar e praticar o judaísmo. Assim, Ana e Jessé conheceram o judaísmo através da insistência do irmão deste, cerca de doze anos atrás. Hoje afirmam categoricamente que encontraram no judaísmo a “leveza da vida religiosa”, seguem os rituais e são frequentadores assíduos da comunidade Magen David, no bairro do Catolé, em Campina Grande.

Ana é uma seguidora fiel das celebrações, costumes e tradições judaicas, afirmando categoricamente que a mulher é a coluna do judaísmo, a fonte segura da educação dos filhos, redentora do lar. Defende que a mulher possui três preceitos no judaísmo, desde a educação dos filhos, passando pelo acendimento das velas, até a separação dos alimentos, incluindo a preparação dos pães para a *Challah*. Observei que Ana Elya busca se dedicar “com naturalidade” aos preceitos judaicos da mulher no seu trato cotidiano, e que a mesma, bem como sua família, procuram seguir na íntegra todos os preceitos judaicos. Como ela mesma coloca, “a religião é o fio condutor das boas ações”. Neste caso, a adesão à fé judaica foi consciente e refletida, o que facilita a incorporação ao papel feminino atribuído pelo judaísmo.

Instituindo e desestabilizando papéis sociais

No judaísmo, o sangue fala muito alto. Trata-se de uma religião étnica. Tal patrimônio genético do povo judeu é preservado e transmitido, sobretudo, por mulheres. Embora a judia se encontre excluída (por ela mesma) de cumprir a grande maioria dos preceitos positivos⁶ judaicos, para os membros da comunidade Magen David (e da grande maioria das comunidades judaicas pelo mundo afora), é por meio da mulher que se estabelece a descendência judaica. Pois é a linhagem sanguínea materna que comprova, de uma vez por todas a pertença de um indivíduo ao mundo hebraico, o “ser judeu”. Essa tese de fortes efeitos reais e práticos para construção de identidades judaicas é adotada pelo Estado de Israel, sendo uma importante referência ideológica para as comunidades judaicas ao redor do mundo.

Nesse sentido, Immanuel nos diz que,

O status da mãe biológica (exclusivamente) determina o status da criança. Se a mãe biológica é judia, então não importa qual seja o seu pai biológico, todos os seus filhos são judeus. Se ela não for judia, é indiferente quem ou o que o pai é, todos os filhos também não são judeus (Immanuel, 1987: 18).

No “casamento misto”, entre mãe judia e pai não judeu, os filhos nascem judeus. Se, por outro lado, somente o pai é judeu, “os filhos desse casamento não são judeus e, se quiserem tornarem-se, terão de passar pela conversão religiosa, da mesma maneira que qualquer outro gentio” (1987: 3). A conversão não é uma “forma fácil” de obter o título de judeu, o reconhecimento. Ela é um processo longo, que requer um pagamento e um processo ritual específico para obtenção do certificado “oficial”. Tornar-se judeu é, para um futuro convertido, uma busca cotidiana que requer um grande esforço físico, mental e monetário. Entretanto, o fato de se tornarem judeus por meio da conversão não exclui o fato de que individualmente cada convertido possui intimamente a convicção de suas origens étnicas judaicas, embora saibam da impossibilidade de comprovação oficial por parte das instituições e mecanismos de controle identitário judaico.

À revelia do pensamento da maioria dos grupos judaicos, a patrilinearidade é defendida pelos caraítas⁷ (seguido em Campina Grande por uma pequena comunidade de aproximadamente 20 membros, localizada no Bairro do José Pinheiro). E ainda, segundo Pedro, da referida comunidade caraíta, existe a tese que ambos os pais podem dar ao filho a condição de judeu, a qual é defendida pelos judeus reformistas que reconheceram a validade da descendência paterna mesmo que a mãe não seja judia. Isto

desde que a criança seja criada “como judeu” e se identifique com a fé judaica. Esta atualização da regra judaica é uma forma de fortalecer o patriarcalismo, o papel masculino da ideologia religiosa judaica.

Em diversos momentos vividos no judaísmo são percebidos o distanciamento do que seria “ideal feminino” e “ideal masculino”. Um exemplo seria no caso do Shabat (dia de descanso dos judeus) estendido desde o anoitecer de sexta-feira até a noite de sábado. Já destacamos o papel da mulher (mãe) que tem a função de acender as velas na noite de sexta-feira, cuja finalidade é trazer mais luz para o lar. A única oração realizada pela mulher é a que acontece no momento em que se acendem as velas no Shabat. Em minha observação/participação de campo ficou bastante nítida esta oração, bem como a divisão das tarefas. Havia atribuições distintas nas comunidades que visitei em Campina Grande, algumas incumbidas aos judeus e outras às judias. Entre as tarefas destinadas aos homens estava a realização de atividades rituais como a leitura da Torá, as bênçãos na sinagoga, os cânticos em voz alta, dentre outras. Já as mulheres judias têm a finalidade de manter a “integridade da família judia”. As mulheres devem transmitir as tradições genéticas e consuetudinárias do judaísmo. Entretanto, como dito anteriormente, no Shabat realizado no dia 22 de maio de 2015, véspera de Shavuot⁸, a parede que dividia o espaço reservado para as orações e cânticos foi demolida e no lugar dela instalaram uma divisória leve e portátil, maleável para a mudança de postura ritualística de acordo com a presença do perfil religioso de cada rabino. Se o rabino visitante da sinagoga Magen David for liberal, os membros da comunidade acionam a “leveza” nos encontros, ou seja, não há a divisão entre homens e mulheres dentro da sinagoga para apreciação dos ritos. Essa postura é imediatamente modificada quando a visita trata-se do rabino conservador: neste caso eles acionam a separação homem/mulher para composição dos ritos.

Mesmo que certos costumes e tradições judaicas possam sofrer determinadas “adaptações”, a família de Ana Elya está constantemente em vigilância em relação aos preceitos considerados corretos e “mais tradicionais” na concepção de sua comunidade religiosa. Esta vigilância é intensa por se tratar de um processo de iniciação. Eles precisam ser aceitos ritualmente por uma comunidade mais ampla e legitimada de judeus. Como observa Barth, “os elementos de uma iniciação são compostos por objetos e atos fundamentais do ritual e da religião da comunidade, ou seja, o conhecimento sagrado essencial da cultura” (2000: 146). Na Magen David existe uma transitoriedade de pessoas que passam e ficam na comunidade, pessoas que passam e

vão, passam e voltam, pessoas que apenas estão iniciando o conhecimento, e outras que já estão familiarizadas com essa construção identitária.

Considerações Finais

Neste artigo tentei elaborar uma breve análise dos papéis sociais destinados, agenciados e transformados pelos sujeitos, mulheres e homens, distribuídos na sinagoga, bem como fora dela. Fiz uso ao longo do texto das informações que obtive e construí por meio do meu trabalho de campo na sinagoga Magen David em Campina Grande, a respeito do papel feminino e da desenvoltura da mulher no judaísmo, buscando alternar visões diversas e contraditórias dos espaços e tempos da mulher no cotidiano do universo doméstico e cerimonial. A importância de discutir o gênero no judaísmo é primordial, eis a questão principal desse presente artigo.

O que percebi na comunidade que frequentei em Campina Grande é que hoje em dia declarar-se judia implica em posicionamentos políticos, ideológicos e religiosos que qualificam as pessoas, indo muito além da preocupação com a figura feminina e o papel exercido na sociedade. Hoje, assumem-se desde diferentes discursos e sistemas de representações que colocam essas pessoas em lugares a partir dos quais se situam em relação à sociedade envolvente e aos segmentos internos, até a questão das relações com as comunidades judaicas. A alteridade que existe entre as pessoas judias atua como um importante mecanismo de preservação da distintividade, mesmo sabendo que em Campina Grande observamos que as comunidades tendem a não reconhecer umas às outras. No dizer de Bruno: “onde há dois judeus já dá briga”. Devido a essas diferenças e divergências internas, ocorre a persistência da judaicidade, ressignificada por novos valores e saberes locais na constituição das pessoas judias. As judias observadas na Magen David seguem suas “caminhadas tradicionais” do judaísmo, em busca do sucesso de suas conversões, cumprindo os rituais, as leis dietéticas, os mandamentos da lei hebraica.

Na comunidade Magen David a tradição e a mudança se reconstróem nas relações de poder estabelecidas nos momentos cerimoniais e domésticos de cada membro do grupo. O fundamental é que pude perceber ao longo da escrita deste artigo e de minha pesquisa de campo o fenômeno contemporâneo da busca pelo “resgate de raízes judaicas” em Campina Grande. Embora procurem a “imitação do passado”, um passado idealizado como “universal”, essas emergências étnicas/identitárias/religiosas

são, como não poderia deixar de ser, únicas, ricas de criatividade, de inteligentes artimanhas de invenção da continuidade na transformação.

Notas

1. As Mizvots são os mandamentos ditos positivos pelos judeus, que devem ser cumpridos. São, no total, 613 mandamentos (Mizvots).
2. Nome fictício usado para preservar a identidade do entrevistado.
3. Kipá é um chapéu usado com um lembrete constante da presença de Deus, onde quer que vá o judeu. É um dos símbolos judaicos bastante conhecidos.
4. Talit é um acessório religioso judaico em forma de um xale feito de seda, lã ou linho, tendo em suas extremidades as tsitsiot ou sissiot "sefaradi" (franjas). Ele é usado como uma cobertura na hora das preces judaicas, principalmente no momento da oração de Shacharit (primeiras orações feitas pela manhã).
5. Chálá (ou Challah) é um pão trançado especial que é consumido no Shabat e nas festas judaicas, excluindo a festa de Pessach. Um dos 613 mandamentos do judaísmo é consumir no Shabat três refeições. Segundo a religião judaica, a refeição deve conter pão. Assim, no início da refeição, se abençoa a chálá como ao pão, com a prece "hamotzi lechem min haaretz". O significado original da palavra chálá é um "pequeno pedaço da massa". Tal porção, do tamanho de um ovo, era dada aos cohanim na época do Templo. Informação disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chal>.
6. Termo que designa uma das ramificações do judaísmo que defende unicamente a autoridade das Escrituras Hebraicas como fonte de Revelação Divina em detrimento das chamadas "tradições orais".
7. Termo que designa uma das ramificações do judaísmo que defende unicamente a autoridade das Escrituras Hebraicas como fonte de Revelação Divina em detrimento das chamadas "tradições orais".
8. Festa das Semanas, onde os judeus comemoram a Outorga da Torá no Monte Sinai sete semanas após a saída do Egito. Neste dia os Dez Mandamentos são lidos nas sinagogas. Também é chamada Chag Habicurim, a Festa das Primícias, levadas ao Templo a partir de Shavuot.

Referências

ASHERI, Michael. **O Judaísmo Vivo: as tradições e as leis dos judeus praticantes**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

BARTH, Fredrik. "Os grupos étnicos e suas fronteiras". In: _____. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria, 2000.

_____. "O guru e o iniciador: transações de conhecimentos e moldagem da cultura no sudeste da Ásia e na Melanésia". In: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

GEERTZ, Clifford. “A religião como sistema cultural”. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1989.

FRANCHETTO, Bruna. “Antropologia e feminismo”. In: Franchetto, B. et al. (coords.) **Perspectivas antropológicas da mulher** (1). Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

IMMANUEL, Jacob. **Quem é judeu?** Canadá: Shofas association of América, 1987.

KOCHMANN, Sandra. (2005). “O lugar da mulher no judaísmo”. In: **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, PUC-SP, n°2. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_kochmann.htm>, acesso: 05/05/2015.

MENEGHEL, Stela N.; MARTINI Vial, S.R. **Rotas críticas**: mulheres enfrentando as violências, Athenea digital, n.14, 2008.

MEAD, Margareth. **Macho e fêmea**: um estudo dos sexos num mundo em transformação. Petrópolis, Vozes, 1971.

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. In: **Revista brasileira de ciências sociais**. São Paulo: ANPOCS, vol. 16, n. 47, out. de 2001.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, CFC/CCE/UFSC, VOL.8, N.2, 2000: 09/41.

ROSALDO, Renato. **Cultura y verdad**: nueva propuesta de análisis social. México: Grijalbo, 1991.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & realidade**. Jul/dez. 1995.

_____. **La Citoyenne Paradoxale**: les féministes françaises et les droits de l'homme. Paris: Ed Albin Michel, 1998.

SOUZA, Sandra Duarte de. LEMOS, Carolina Teles. **A casa, as mulheres e a igreja**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.